**MÉTODO**

**VER - JULGAR - AGIR**

(por Jorge Boran)

Normalmente, antes de dar uma palestra sobre o método Ver-Julgar-Agir, eu aplico uma técnica simples. Os cursistas são divididos em grupos para elaborarem perguntas para uma futura reunião de grupo.

No plenário, cada grupo apresenta a sua lista de perguntas. O resultado é sempre o mesmo. Sal uma "salada de perguntas", sem pé nem cabeça. Às vezes, individualmente, algumas perguntas são boas, mas sempre falta uma sequência pedagógica de aprofundamento. A gente sabe de antemão, que em termos de um real aprofundamento do assunto discutido e de uma ação eficaz do grupo, não vai sair nada.

Percebe-se, no fundo, que há pouca diferença entre um grupo de Cristãos unidos na igreja, discutindo assuntos da vida e um grupo de homens num bar de esquina qualquer discutindo os mesmos assuntos.

São discussões que dão poucos resultados porque não há um método de aprofundamento que leve a um compromisso sério.

**UMA EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE**

Em nossas reuniões de grupo, não há sequências de ideias, sugestões preciosas são perdidas porque cada um está preocupado com que sua ideia vença, seja a mais aclamada. Em vez de escutar o outro, cada um está preocupado em preparar a sua intervenção. O coordenador, muitas vezes é tipo professor – dá as respostas em vez de levar o grupo a descobrir por si, com perguntas pedagógicas e criativas. O coordenador raramente anota as ideias dos outros para poder resumir periodicamente o progresso feito, e assim, avançar mais na discussão. No final da reunião não se amarra nada e cada um sai mais ou menos com as mesmas ideias com que entrou. Não houve crescimento. A maior parte de nossas reuniões de grupo caem no erro que Paulo Freire chama de educação bancária ou educação para a domesticação. Estamos formando cristãos de “o senhor é que sabe" e "eu concordo com o que fulano falou". No fundo, estamos reproduzindo e reforçando o sistema de dominação na sociedade. E é muito grave isso.

Hoje em dia sabemos que a formação, em qualquer nível, não consiste em enfiar uma quantidade sempre maior de informações na cabeça do outro. Ninguém é dono da verdade. Cada um tem um pouco. Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho; os homens se educam entre si, tendo como mediador o mundo. É o processo que Paulo Freire chama de "Educação para a Liberdade". Nenhum outro tipo de educação é digno de um ser feito à imagem de Deus.

São Paulo nos faz lembrar: "Porque vós, Irmãos, fostes chamados à liberdade" (Gál 5.13).

**HISTÓRIA DO MÉTODO**

O método mais importante usado pela igreja para formar lideres cristãos, dentro de um processo de educação para a liberdade, é o método Ver-Julgar-Agir. É o método que vem provando a sua eficácia durante muitos anos.

Foi um padre belga (que posteriormente se tornou cardeal), Cardjn, que nos anos 30 se meteu num trabalho com jovens operários na periferia de uma grande cidade. Gardjn fundou movimentos JOC (Juventude Operária Católica) e JUC (Juventude Universitária Católica) que, no seu apogeu, chegaram a congregar mais de 4 milhões de jovens no mundo inteiro. Foi através destes movimentos que surgiu o método V.J.A. Através de contato com o meio estudantil secundarista e universitário, o método recebeu todo um acabamento científico.

O método Ver-Julgar-Agir foi reconhecido na Igreja por Pio XII em 1957, pelo Papa João XXIII, na sua encíclica "Mater et Magistra" e pelo Concílio Vaticano 11. Mais perto de nós, os bispos da América Latina usaram o método para elaborar o documento de Puebla. O teólogo Leonardo Boff coloca em primeiro lugar, entre os ganhos de Puebla, “consagração do método Ver analiticamente, Julgar teologicamente e Agir pastoralmente".

A maior parte dos documentos da CNBB se baseia neste método, como também os planejamentos pastorais feitos nos vários níveis da igreja. A Teologia da Libertação, que teve seu nascimento na América Latina, também se baseie no método V.J.A. A Pastoral de Juventude coloca-o como seu principal método de formação a nível nacional.

 Portanto, é evidente que os leigos, como diz Puebla, "são enviados como vanguarda da Igreja, no meio do mundo, para refazerem, de acordo com o plano de Deus, as estruturas sociais, econômicas e políticas", e não podem ficar fora do que vem a ser o principal método de formação de líderes cristãos hoje.

 Normalmente não falta aos nossos cristãos boa vontade e generosidade. Vivemos porém, uma contradição. Falamos muito de fraternidade, de amor, de opção pelos pobres, e vivemos num país cristão que organiza a sociedade de tal modo que 75 milhões de brasileiros se empobrecem cada vez mais e são colocados à margem do progresso. Destes 75 milhões, 30 milhões vivem em "pobreza absoluta" (passam fome) segundo a Fundação Getúlio Vargas. Uma fonte da Prefeitura de São Paulo revelou, recentemente, que 4.200.000 pessoas da cidade vivem em favelas e cortiços.

Nossos esforços em transformar a sociedade no ideal de "comunhão e participação" (proposta de Puebla) encontram escassez de resultados porque nos falta um método de análise e engajamento.

**UM MÉTODO CIENTIFICO**

 O Método é simplesmente uma explicitação de um processo de decisão da mente humana; é a lei do seu funcionamento correto no seu esforço de encontrar a verdade. Nos seus traços básicos, é bastante simples. De fato, usamos o método, de alguma forma, em nossa vida diária, sobretudo quando se trata de tomar decisões que tocam no bolso da gente. Um bom capitalista usa muito bem o método. Antes de construir uma fábrica, ele faz um levantamento da realidade: (VER — fator, causas, consequências); qual é o melhor local, a situação de mão-de-obra, transporte, estradas, o preço da construção, o dinheiro que tem disponível, a possibilidade de empréstimo, o mercado para o produto. Diante dos problemas que surgem procura as causas para poder tentar solucioná-las. Pesa as consequências de cada opção que possa tomar.

 Ao terminar o levantamento da realidade (VER), analisa as várias opções à luz da sua filosofia de vida (JULGAR). Infelizmente, quando se trata de emitir um juízo sobre um problema que não mexe em nosso bolso, somos frequentemente muito superficiais em nossas análises e conclusões. Emitimos opiniões diante dos problemas sócio-econômico-político e religiosos, sem respeitar as etapas do método.

 O Agir será a decisão e o plano para iniciar o projeto.

 Vamos examinar o método, etapa por etapa, para nos inteirarmos do seu funcionamento.

 O método segue o seguinte esquema:

**1) VER**

 **— FATOS**

 **— CAUSAS**

 **— CONSEQÜÊNCIAS**

**2) JULGAR**

 **— CRITÉRIOS CRISTÃOS**

**3) AGIR**

 **— INDIVIDUAL**

 **— COLETIVO**

**4) REVER**

 **— COBRAR**

 **— AVALIAR**

**VER**

 O VER é importante porque, se não existe preocupação em conhecer a realidade, consequentemente não existe o engajamento. Por outro lado, qualquer tipo de ação racional pressupõe um conhecimento científico do meio em que vai aplicar.

 Esta reflexão sobre os fatos da vida e levantamento da realidade é uma resposta ao pedido do Concílio Vaticano II, de "ler os sinais dos tempos" para que a fé cristã fosse vivida no dia-a-dia e não uma "fé nas nuvens". É a convicção que temos de encontrar os apelos de Deus não só na Bíblia, mas também nos acontecimentos da vida. Aliás, o grande desafio nosso, hoje em dia, é fazer a ligação entre estes dois lugares de encontro com Deus: a vida a revelação explicita de Deus na Bíblia.

 O VER também é importante porque aprendemos a trabalhar com fatos e não com subjetividade.

 Esta primeira parte está dividida em três etapas: Fatos, Causas e Consequências.

**FATOS**

 Nesta primeira etapa é feito um levantamento de todos dados possíveis relacionados com o assunto. Numa discussão sobre "favelas", por exemplo, cada um coloca a sua experiência, acontecimentos recentes, estatísticas, recortes de jornais, afirmações de pessoas. É importante ver as contradições. Ex.: um bairro pobre que não recebe a mesma atenção que um bairro rico.

 A Importância de começar com fatos concretos é que a reunião não se perca numa discussão intelectual que não leva a nada, mas coloque os participantes com o pé no chão. Não se fala de uma fraternidade romântica e uma opção pelos pobres "nas nuvens", mas dentro das experiências e acontecimentos que tocam na vida diária dos participantes. Procura-se construir a casa começando com o alicerce, não com o telhado. Assim os participantes começam a olhar a realidade ao seu redor com outros olhos. Começam a notar coisas que não notavam antes. A fé começa a ser colocada dentro dos acontecimentos da vida. A religião sai da sacristia para ser uma resposta às angús­tias do homem. O hábito de anotar fatos significantes para serem levados à reunião de grupo é Importante Ouestiona-se sobretudo a prática de cada um diante dos fatos.

**DESCONFlÔMETRO**

 Nesta primeira fase do método aprendemos a ligar o nosso "desconfiômetro". Nem todas as afirmações que são apre­sentadas como fatos são, na verdade, fatos. No tocante ao problema de favelas há muitas afirmações que são frequen­temente apresentadas como fatos que precisam ser ques­tionados, como por exemplo:

"Só não sobe na vida quem não quer".

"A maioria dos favelados é vagabundo".

"Pobre é pobre porque não quer trabalhar".

"Nas favelas há muita gente com televisão a cores e carro".

"Nas favelas há muito assaltante e gente ruim".

Numa reunião de grupo um bom coordenador pode des­montar este tipo de afirmação com algumas perguntas do tipo:

Como você sabe? Você já esteve numa favela?

"Muita gente", a "maioria", significa quantas pessoas?

É justo, a partir de alguns exemplos, generalizar ao ponto de condenar toda uma população?

São somente as favelas que têm gente que rouba? Quem rouba mais? Basta fazer esforço para subir na vida?

**CAUSAS**

 A grande eficácia do método Ver-Julgar-Agir é que ele aprofunda as causas. O início de toda a cura vem de um bom diagnóstico. Um dos motivos porque a Igreja não conseguiu transformar a sociedade com os valores do Evangelho (o amor, a fraternidade, a igualdade, o perdão, a autoridade como serviço, a dignidade da pessoa humana. a liberdade) é que durante muito tempo fazia o que alguns chamam cie "pastoral do tatu" É a história do agricultor que tinha um tatu no seu campo que fazia muitos buracos.

 O agricultor, todos os dias, ao levantar-se, tapava os novos buracos. Não percebia que não bastava atingir os efeitos; que a solução era "dar um jeito no tatu".

 Uma doença não se cura com remédio para aliviar a dor, mas com medidas que atinjam as causas da doença.

 Nesta etapa pergunta-se porque existem favelas.

 As respostas vão revelar vários níveis de causas. Algumas causas serão efeitos de causas mais aprofundadas. Afirmações muitas vezes apresentadas como causas, ao serem examinadas mais de perto, se revelam como sem fundamento. São as causas aparentes que frequentemente são aceitas sem questionamento.

 As causas podem ser divididas em causas aparentes, causas imediatas, causas secundárias e causa principal. É importante levantar os vários tipos de causas para poder ter uma visão global da realidade sobre a qual se pretende atuar e para que o grupo possa escolher uma ação que esteja dentro da sua capacidade. Não é possível entender o funcionamento das estruturas de dominação em nossa sociedade se nos restringirmos a fatos isolados. É necessário enxergar a conexão entre estes fatos através de um aprofundamento de causas que leve a uma visão mais global da realidade onde estamos inseridos.

 Tomando como tema "a violência criminal", o seguinte quadro mostra com mais clareza a distinção entre os vários tipos de causas:

 **Causa principal:** capitalismo selvagem

 **Causas secundárias:** polícia mal selecionada, corrupção, leis para ricos e para pobres, prisões ilegais, sistema penitenciário, menores abandonados, problema de moradia, analfabetismo, ambiente que deforma, povo não organizado.

 **Causas imediatas:** violência policial, esquadrão da morte, tráfico de tóxico, fome, baixos salários.

 **Causas aparentes:** necessidade de matar mais bandidos, falta de apoio ao esquadrão da morte, o povo deve linchar mais bandidos, as pessoas não têm armas.

**PROBLEMA: VIOLÊNCIA**

 O aprofundamento de causas muitas vezes vai suscitar a necessidade de uma formação mais teórica a partir das ciências humanas.

 As causas profundas de muitos problemas que enfrentamos se encontram nas estruturas sócio-político-econômicas injustas que nos cercam. Isto não significa que, para fazer uma reunião de grupo, os participantes devem ser formados em sociologia, política e economia. Significa que devemos ter uma visão menos simplista e menos ingênua da sociedade onde vivemos e pela qual somos responsáveis e da qual somos sujeitos.

 Para isso é necessário um certo aprofundamento através de leitura de jornais, revistas, livros, palestras e cursos formando lideranças.

 Um outro exemplo: Muitos de nossos grupos e comunidades vão mal porque não conseguimos diagnosticar as raízes das crises pelas quais passam. Confundimos efeitos com causas. Os motivos frequentemente apresentados pelos membros, como falta de interesse, acomodação, "ninguém quer nada com nada", egoísmo... são, na realidade, efeitos de causas mais profundas. Deve-se perguntar por que há falta de interesse etc.

**CONSEQUÊNCIAS**

 O aprofundamento das consequências tem como finalidade conscientizar as pessoas sobre a amplitude e a gravidade do problema em discussão, para que sintam a urgência de fazer algo, em vez de seguir uni certo comportamento e tomada de posição que está contribuindo para agravar o problema. É uma experiência que todos nós tivemos num nível mais pessoal. Muitas vezes deixamos de fazer "uma bobagem" ao pesar as consequências negativas, ou fizemos algo desagradável ao fixarmos as consequências positivas.

 O aprofundamento das consequências também completa o retrato do levantamento da realidade do tema tratado.

 Exemplos de perguntas sobre o tema "favelas":

— As favelas, em cidades como São Paulo, crescem cinco vezes mais do que o crescimento médio da população. Se continuar assim, como será a situação no futuro?

— O fato de morar numa favela traz que tipo de consequência para as crianças? E para os jovens?

**SENSO CRITICO**

No início, ao tentar usar o método V.J.A., percebe-se uma certa confusão nas cabeças das pessoas no tocante à distinção entre fatos, causas e consequências. Mas na medida em que o agente pastoral adquire a capacidade de discernir as diferenças e aprende a manejá-las com habilidade, adquire um senso crítico agudo.

 A palavra “crítica” às vezes traz confusão, como se quisesse dizer que você vai viver condenando, falando contra, destruindo, Não se trata de uma atitude de ressentimento, de revolta provocada por insegurança pessoal ou traumas de infância, ou desejo de promoção pessoal. Não é nada disso. Você vai "criticar" no sentido básico da palavra.

 Criticar significa ver o mal para denunciá-lo e o bem para mento.

 Você vai pensar para poder separar o verdadeiro do falso, o essencial do acessório. Vai procurar detectar a verdade no meio do brejo das coisas. Não vai deixar-se manobrar pela propaganda.

Criticar significa ver o mal para denunciá-lo e o bem para anunciá-lo. Não basta, na sociedade de hoje, formar cristãos que sejam honestos e esforçados, mas que podem ser facilmente manipulados e usados para manter sistemas injustos que marginalizam grandes faixas da população.

 "O mandamento novo" de Jesus nunca pode tornar-se uma realidade em nosso meio se continuarmos insistindo em formar cristãos passivos, "tapados". "cordeirinhos", com senso ingênuo, mas com muito boa vontade. Foi o próprio Cristo quem clamou que "os filhos das trevas são mais espertos do que os filhos da luz".

 Por isso, muitas vezes o mal vence o bem.

 Para que o agente de pastoral possa dar uma resposta inteligente aos problemas e angústias à sua frente, é importante que tenha um senso crítico diante de tudo o que acontece a seu redor. Que saiba distinguir a verdade e a mentira, as aparências e o real, a manipulação e a sinceridade, a demagogia e a dedicação ao povo, as causas reais e as causas imediatas e as causas estruturais.

**DIFICULDADE DO POVO**

 Por outro lado, é importante entender que nosso povo não está acostumado a analisar as coisas através de um processo lógico assim, mas funciona mais na base do coração e da espontaneidade. Uma senhora que me pediu para benzer sua criança de quatro anos porque estava sendo muito "levada" dentro de casa, mostra bem esta realidade. A avó alegava que o motivo do comportamento da criança era de ter sido mal batizada. A mãe aceitava uma explicação mágica do universo (não ligou seu desconfiômetro). Ela não percebeu que era comportamento normal de uma criança de quatro anos que ficava trancada dentro de casa o dia inteiro, por causa do perigo do trânsito de uma rua muito movimentada.

 Um outro exemplo ilustra bem este ponto:

 Certa vez, o programa Fantástico deu ênfase a uma campanha de arrecadação de fundos, organizada por um grupo de artistas, em prol de um hospital em Belo Horizonte, onde há 300 pacientes cancerosos, O hospital tem urna grande dívida, faltam verbas e a única ambulância do hospital só funciona na base de "empurrão".

 Como explicou o programa: "Os pacientes não têm as mínimas condições de morrer com dignidade". Foram poucas as pessoas que estranharam a ausência de uma abordagem das causas mais profundas desta situação calamitosa. Não perceberam que a solução proposta é de juntar mais gente para enxugar a água em vez de consertar as goteiras.

 Uma pessoa que tem prática no uso do método V.J.A.. ao assistir a um programa de televisão, ao ler um jornal ou ao participar de uma discussão, percebe logo a meia verdade, a manipulação, a massificação, a mentira camuflada.

**JULGAR**

 A palavra julgar às vezes tem para nós conotação negativa e moralista. Aqui o sentido é diferente. Não é de condenar, mas de analisar para discernir o que está certo e o que está errado, e depois partir para uma ação que transforme o que está errado...

 Acima começamos a JULGAR, quando entramos no "por quê" dos fatos, mas foi um julgamento humano. Poderia ser considerado como a preparação do terreno antes de jogar as sementes da palavra de Deus.

 Julgar, no sentido restrito que empregamos aqui, significa analisar todo este terreno preparado pelo 'VER", à luz da visão cristã do mundo.

 Não há oposição entre a avaliação feita no "VER", através da própria experiência da vida e as condições das ciências humanas, e a avaliação feita no "JULGAR", através da Revelação. É o mesmo Deus que cria e revela. A palavra de Deus relê, reinterpreta os fatos sob nova luz. Temos um elemento a mais para chegar à verdade — a revelação livre e espontânea do próprio Deus que não se contenta em revelar-se através da natureza, mas também se comunica diretamente conosco através de uma experiência religiosa de um povo.

 Tipos de pergunta nesta fase do método:

— Quais são os critérios cristãos para analisar toda esta realidade que levantamos?

— Como o Espírito Santo se revela hoje à sua Igreja através dos documentos da CNBB?

— Quais são os valores que encontramos na Bíblia que iluminam esta situação?

 Cite um trecho que ilumine melhor o assunto em discussão.

**1 — ESTUDAR PARA DEPOIS AGIR**

 Há grupos que acham que primeiramente precisam estudar para depois agir. Estes grupos, normalmente, não saem disso, Estudar para depois agir raramente leva a um engajamento sério. Muitos de nossos grupos assemelham-se a soldados no meio de uma guerra, preparando-se para entrar numa batalha. Acontece, porém, que não chegam a entrar na batalha sob pretexto de que nunca estão suficientemente preparados. Estudar para depois agir exerce uma atração maior sobre os coordenadores por ser mais fácil organizar e porque compromete menos.

**2 — VIVER NA AÇÃO**

 Há outros grupos que partem da ação e vivem na ação. Desenvolvem muitas atividades, mas não param para refletir sobre o que estão fazendo. A formação e a ação caminham tão intimamente ligadas que é impossível separar uma da outra. As vezes há mais conteúdo teológico sobre a natureza e o mistério da Igreja numa ação transformadora da sociedade desenvolvida por um grupo de cristãos, ou na experiência de organizar e participar juntos num curso com muita dinâmica de grupo, do que numa palestra brilhante sobre a Igreja. A ação mexe com a pessoa toda, enquanto que a palestra é assimilada apenas intelectualmente e muitas vezes fica esquecida logo depois.

 A formação que realmente vale é a formação que adquirimos na ação. É a lei da formação humana.

 Uma moça aprende a fazer bolo, fazendo.

 Uma jovem aprende a nadar, nadando.

 Um homem aprende a dirigir carro, dirigindo.

 Um filho aprende a ter responsabilidade, exercendo responsabilidade.

 Um cidadão aprende a ser cristão, agindo como cristão. Não se formam cristãos comprometidos e convertidos somente com muitas palestras, discursos e reuniões de estudo.

 Não se trata de menosprezar um estudo teórico, já que muitos de nossos leigos não têm ideias claras sobre a sua fé e são facilmente derrubados com qualquer pergunta boba. Mas este estudo tem que estar ligado com uma ação que é refletida pelo método V.J.A.

**A IMPORTÂNCIA DE UMA VISÃO TRANSFORMADORA**

 Um contato que tive alguns anos atrás, na Argentina, com pessoas que usavam o método, dentro de uma pastoral ultraconservadora, me alertou para uma constatação importante: o método por si não basta. Por si não funciona como passo de mágica, numa linha de libertação. Um homem revelou-me, recentemente, ter descoberto que, até aplicando o método em seus negócios, obtinha bom resultado. O método, como método científico é neutro e, portanto, pode ser usado a partir de uma visão na sociedade e uma teologia conservadora que, no fundo, tem como resultado o apoio, a manutenção de uma situação de exploração, ou de uma teologia que procure iluminar as raízes profundas dos grandes problemas da sociedade que criam tanto sofrimento e marginalização.

 O método, por si, não é o mais importante. O mais importante é a visão política e teológica que está por trás dele.

 Portanto, não é suficiente restringir-se a trechos Isolados da Bíblia para iluminar a realidade. Há necessidade de uma formação mais teórica, de uma análise científica do funcionamento, da sociedade e, conjuntamente, de uma visão global dos grandes temas da Bíblia e da teologia da Igreja hoje.

**ATIVIDADES COMPLEMENTARES**

 É importante que haja atividades complementares para direcionar o método numa linha de libertação.

 — Cursos sobre a Bíblia, a realidade brasileira, a teologia da libertação etc.

 — Estudo dos documentos da Igreja e da CNBB que revelam nossa realidade

 — Retiros.

 — Palestras, subsídios para estudo, leitura individual (biblioteca).

 Evangelizar significa dar uma resposta aos problemas dos homens à luz da fé. Mas para isso é preciso conhecer esses problemas. Não podemos mais fazer uma teologia que se apoie num conhecimento superficial, ingênuo e simplista dos problemas que atormentam o povo.

 Para compreendermos o que significa "salvação" para nossa realidade brasileira, temos que conhecer muito bem esta realidade.

 Toda teologia, portanto, tem que se construir a partir da verdade, como afirma o Papa João Paulo II ao voltar da reunião dos bispos da América Latina, em Puebla:

 "O próprio Cristo relaciona, de modo especial, a libertação com a consciência da verdade: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" (Jo 8,32).

 No entanto deve-se tomar cuidado com o enfoque principal do método que é "a formação na ação" para não cair numa pastoral de cursos onde a ação é adiada para um futuro distante, quando os membros talvez estejam suficientemente formados para fazer algo.

 Também as atividades complementares devem ser uma resposta a uma prática libertadora que os grupos estão procurando desenvolver.

 Há um outro motivo pelo qual estas atividades complementares são importantes. Nossos leigos muitas vezes baseiam sua fé e seu engajamento numa cultura religiosa que receberam como crianças quando se preparavam para a 1ª Comunhão. Aliás, é frequente em grupos novos (de jovens e adultos), descobrir que alguns membros nem 1ª Comunhão fizeram.

 Quase sempre nos treinamentos do método que tenho dado por aí, o Julgar é a parte mais fraca. Os membros ficam perdidos porque têm pouca formação teórica para fundamentar a fé de um adulto que não mais se satisfaz com as respostas que eram dadas a uma criança. Esta descoberta pode ser de grande importância para os membros de um grupo e pode motivar a participação ou organização de uma destas atividades complementares acima mencionadas.

**AGIR**

 Durante muito tempo pensei que o grande problema de muitas de nossas reuniões de Igreja era que o pessoal não conseguia amarrar quase nada em termos de propostas concretas.

 Ultimamente estou descobrindo que há um problema anterior a esse. Muitos de nossos grupos nem discutem a possibilidade de uma ação. Este problema ficou muito evidente durante um treinamento sobre o método, feito recentemente para vários grupos de Cursistas.

 No início foi pedido para os participantes elaborarem perguntas para uma reunião de grupo sobre o tema "família". Dos cinco grupos nenhum colocou uma pergunta que motivasse os membros para uma ação a partir do tema discutido.

 A importância do método é que se ele for aplicado, leva a uma ação consequente. Questiona as reuniões "sociais" e "bate-papos" que não levam a nada. Ressalta o fato de que o cristão é alguém chamado por Deus para desempenhar uma missão no mundo. São Tiago deixa bem claro:

 "Meus irmãos, que adianta alguém dizer: “eu tenho fé”, se não dá provas disso? Será que essa fé pode salvá-lo? Por exemplo, pode haver irmãos e irmãs que precisam de roupa, e que também não têm nada para comer, Se vocês não lhes dão o de que precisam para viver, não adianta nada dizer: “Que Deus os abençoe, agasalham-se e comam bem”. A fé é assim: se não vier acompanhada de ação, por si mesmo é coisa morta."

 Na hora de escolher uma ação a partir de um problema aprofundado, muitos grupos caem em um dos dois extremos: ou se escolhe uma ação tão vaga (tipo: vamos amar nosso próximo esta semana) que já se percebe de antemão que não vai levar a nada, ou, de outro lado, se escolhe uma ação tão difícil e impossível que leva à frustração e ao desânimo.

 O primeiro passo deve ser um levantamento, pelo grupo, das várias alternativas de ação e não simplesmente a aceitação passiva pelo grupo da primeira sugestão feita, como frequentemente acontece.

 O segundo passo deve ser a escolha de uma ação que seja viável. Normalmente esta ação seria pequena no início. Pode ser "uma ação desenvolvida em conjunto com os outros, individualmente, na comunidade ou nos ambientes naturais de família, bairro, escola e trabalho. Na medida em que o grupo ganha experiência e confiança, a partir de pequenas vitórias, vai poder partir para ações mais complexas.

 O tipo de ação decidida vai depender em grande parte do tipo de análise feita no VER. Se o VER foi superficial, a ação também será.

 Se no VER procuraram aprofundar os vários tipos de causas, a ação vai ser transformadora e não assistencialista, quer dizer, vai procurar atingir as raízes do problema e não somente os efeitos.

 Muitas vezes não é possível atingir a causa mais profunda, diretamente. Uma moça, numa reunião de jovens que discutiu o problema de custo de vida, citou o exemplo de uma fábrica que pagava muito mal seus funcionários, na hora de agir, ficou apavorada porque achava que para atingir o problema pela raiz, ela teria que pedir ao patrão que aumentasse os salários. Ela mesma não trabalhava na fábrica. Outros, no grupo, mostravam que o problema só podia ser atingido indiretamente e a longo prazo, conversando e esclarecendo o povo em ocasiões como a Campanha da Fraternidade etc.

**O PRINCIPAL CAMPO DE AÇÃO DO LEIGO**

 O campo de ação do leigo não deve restringir-se apenas à comunidade eclesial. Pelo contrário, o campo mais importante deve ser nos ambientes naturais. Paulo VI diz muito claramente qual é a tarefa do leigo: "A sua primeira e imediata tarefa não é a instituição e o desenvolvimento da comunidade eclesial — esse é o papel específico dos Pastores — mas, sim, o pôr em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes, nas coisas do mundo. Cada membro do grupo deve ter seu grupo de Influência com o qual vai desenvolvendo um trabalho de transformação do seu ambiente de trabalho, estudo ou bairro.

Normalmente este grupo de influência é informal e, às vezes, os membros nem sabem que constituem um grupo e que o animador se interessa por eles a partir de uma motivação de fé cristã.

 A própria comunidade eclesial não existe para si. Existe para servir o mundo. Portanto, para ser cristão há dois momentos: se não participar da comunidade não pode ser chamado de cristão, mas também se não sair para fora, tampouco pode ser. Ora, sair para fora não significa que, cada vez, você vai anunciar explicitamente Jesus Cristo. Normalmente nós vamos começar assumindo um compromisso com os valores que Cristo anunciou.

**UM PLANO**

 Para que nosso agir seja realmente eficaz, é necessário um plano onde haja distribuição de tarefas. Não podemos esperar levar adiante uma ação realmente séria na base da espontaneidade e da boa vontade.

 O documento de Medellin faia de uma injustiça organizada na América Latina. Não será qualquer ação que vai superá-la. A injustiça organizada só pode ser transformada com uma organização no Meio, quer dizer, no bairro, no trabalho, na escola e na família.

 É importante, porém, que os cristãos entendam que não têm o monopólio neste trabalho de transformar os ambientes naturais. Devem somar forças com todos os "homens de boa vontade" Como disse João XXIII, mesmo os que não partem de uma motivação explicita de fé no Deus de Jesus Cristo.

 O engajamento concreto dos cristãos a partir do VER e do JULGAR, pressupõe um contínuo processo de conversão individual. Não adianta mudar as estruturas injustas, sem mudar ao mesmo tempo os homens, tomando como base o estilo de vida de Jesus Cristo.

**REVER (COBRAR E AVALIAR)**

 A parte mais importante do método, a parte normalmente esquecida, mas sem a qual o método talha completamente, é a cobrança e a avaliação, que deve ser feita na reunião seguinte. É função do coordenador cobrar a ação que foi combinada na reunião anterior e avaliá-la junto com o grupo.

 Num certo sentido, o coordenador deve ser um bom cobrador - com jeito, claro! Muitas de nossas boas propostas falham porque sabemos, no íntimo, que ninguém mais vai tocar no assunto. O hábito de cobrar decisões tomadas, na reunião seguinte, cria uma seriedade e disciplina saudável no grupo. A cobrança também valoriza os esforços dos elementos do grupo. Um grupo que não cobra as suas próprias decisões é igual a um homem sem espinha dorsal. É incapaz de fazer o menor esforço.

Através da avaliação, o grupo vai acertando cada vez melhor os seus passos e aprimorando a sua ação.

Sem avaliação a ação deixa de ser transformadora. Sem avaliação a ação não estimula novas ações. Sem avaliação a ação morre e o grupo para.

Sem avaliação não se valorizam os sucessos e não se tiram lições dos fracassos.

**TEORIA/PRATICA — REFLEXÃO/AÇÃO**

 Antigamente a teoria era considerada superior à realidade. O processo de conhecimento científico moderno se concebe como dialético e descontínuo.

 Há um contínuo vaivém entre a teoria e a realidade. O conhecimento científico tem validade na medida em que é verificado através de um contato com o real (ou pela memória de tais contatos, como é o caso de conhecimento que é passado de uma geração a outra).

 A tentativa de colocar a verdade como vinda antes dos fatos é a raiz de todo tipo de autoritarismo e conservadorismo na sociedade.

 Se a verdade vem antes dos fatos, o ditador e conservador não precisam provar nada.

Podem decidir tudo "de cima". Não há necessidade de consultar o povo. Já sabe o que é "bom" para o povo. É a realidade que tem que se adaptar às decisões das cúpulas que, no fundo, querem preservar seus privilégios.

 Portanto, a verdade está na prática. Um grupo vai testar e avaliar as suas ideias, a sua teoria na prática, para verificar se estão certas ou erradas. Os dois elementos neste nível de conhecimento são a AÇÃO e a REFLEXÃO. Um grupo que está agindo, vai sempre fazer reuniões de avaliação para verificar a validade das suas ideias. Este vaivém está sempre testando a verdade. Assim, o grupo progride no verdadeiro conhecimento. É a ação que vai dar critérios para verificar se o plano do grupo está sendo certo ou não.

 Sem a reflexão a ação é cega, sem a ação a reflexão é vazia.

Dom Angélico Sândalo Bernardino explica: "A consciência vem da prática. É fazendo que a gente descobre, Caminheiro faz caminho caminhando".

 Mesmo a revelação de Deus, na Bíblia, não apresenta soluções prontas. Apresenta mais princípios que precisam ser confrontados com a realidade de cada geração e local. O problema de muitos intelectuais que querem desenvolver um trabalho com o povo é esse. Vêm com ideias pré-fabricadas e não estão dispostos a testá-las na prática, mas querem impô-las.

**UM PROCESSO CONTINUO**

- A ação do grupo faz surgir novos fatos, pois ela interfere na realidade que nos cerca, provocando novos acontecimentos. Novos fatos vão aparecendo,

- Estes novos acontecimentos e fatos voltam para ser analisados pelo grupo, usando-se o mesmo método, para descobrir o próximo passo a dar. Trata-se de, agora, VER e JULGAR "O AGIR" ou da revisão do engajamento. É um processo, dialético — REFLEXÃO/AÇÃO.

- O método VER-JULGAR-AGIR-REVER, portanto, é um processo continuo que pode ser representado graficamente do seguinte modo:

 **VER**

 **REVER JULGAR**

**(cobrar-avaliar)**

 **AGIR**

**OBJETIVO:** - descobrir a realidade (VER)

 - formar a consciência crítica à luz libertadora do Evangelho [JULGAR)

 - transformar essa mesma realidade (AGIR)

 - rever as ações realizadas; rever para, assim, garantir a continuidade do

 processo e chegar a uma ação mais em profundidade

 - e assim atingir "a Participação e a Comunhão" (tema principal do Documento

 de Puebla).

**OBSERVAÇÕES PRATICAS**

 O processo de assimilação do método assemelha-se ao processo de assimilação de processo de qualquer outra habilidade. Aprende-se o método na prática através de ensaio e erro.

 O método deve ser usado com criatividade. No início, um grupo, por não estar acostumado, aplica-o de um modo muito mecânico. Com o passar do tempo a pessoa individualmente, ou o grupo coletivamente, adquire a capacidade de mexer com os elementos básicos do método, fatos, causas, consequências, critérios, ação, dentro de uma criatividade pedagógica.

 Uma outra observação importante: o método pode ser usado para estruturar um encontro de um ou mais dias, ou o desenvolvimento das várias etapas do método podem se estender no decorrer de várias reuniões. Por exemplo: o Ver pode envolver uma pesquisa de bairro, entrevistas, estudos de notícias de jornais, televisão; o Julgar pode envolver um curso, urna palestra, o estudo de um livro ou texto; o Agir durante várias reuniões. Uma ação seria não se desenvolve apenas no espaço de uma semana.